

# A Natureza diante da tríade divina: Marx, Durkheim, Weber

Frederico Salmi<sup>1</sup>

Resenha (*review*) de **La naturaleza ante la triada divina: Marx, Durkheim, Weber**, de José Luis Lezama (2019).

Em tempos de crises planetárias, como a pandemia de Covid-19 e o aquecimento global, a Natureza<sup>2</sup> se revela um dos fatores determinantes das ações sociais no mundo contemporâneo, aumentando a necessidade de entendermos as relações entre o natural e o social. A sociologia e outras ciências das humanidades, principalmente em sua vertente ambiental, têm produzido conhecimento sobre esse tema, inclusive sobre como superar a dicotomia sociedade-Natureza (HARAWAY, 2016; TSING, 2019). *La naturaleza ante la triada divina: Marx, Durkheim, Weber*, de José Luis Lezama, obra inédita no Brasil, apresenta como os três autores clássicos enquadraram a Natureza em relação à Humanidade. A discussão que o autor faz está baseada na problematização do social em relação ao natural por meio da ênfase da dimensão ética e moral utilizada pelos autores clássicos.

O autor utiliza termos como “cegueira” (LEZAMA, 2019, p. 95), “exclusão” (*Ibid.*, p. 101) e “invisibilidade” (*Ibid.*, p. 122) para tratar da ausência de referência à Natureza nas teorias desses três autores clássicos, particularmente em suas análises sobre as relações do ser humano com o seu meio. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da “invisibilidade da natureza no pensamento sociológico ortodoxo” (*Ibid.*, p. 19) dentro do contexto histórico

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do grupo Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (Temas), da UFRGS, e do Componente 5 – Impactos sócio-políticos e econômicos do Programa AmazonFACE. E-mail: salmi.frederico@gmail.com

<sup>2</sup> Utilizo o termo “Natureza”, grafado com inicial maiúscula, para visibilizar a natureza ontológica do agente não humano, Gaia ou Pachamama, e seu enquadramento como sujeito de direito (INTERNACIONAL CONVIVALISTA, 2020). Na perspectiva da sociologia da questão ambiental contemporânea, Lezama também fez uma escolha de fundo ético-político e utilizou o termo grafado em minúsculo. Para saber mais sobre “as batalhas sobre palavras e conceitos”, como Natureza e Humanidade (ambos, segundo Latour, frutos da modernidade), ver Tsing (2019).

dos “fundadores do pensamento social”<sup>3</sup> (*Ibid.*, p. 12); e a segunda apresenta como a Natureza foi abordada, excluída e/ou invisibilizada por Marx, Durkheim e Weber<sup>4</sup>.

Na primeira parte, Lezama argumenta que essa “cegueira” dos clássicos estava associada à necessidade de separar por completo o social de todos os demais elementos (naturais, psíquicos, metafísicos) para que um novo campo pudesse se estabelecer. Para isso, a Natureza “como fator determinante na explicação do social e em sua dimensão ética e moral” precisaria ser excluída ontológica e epistemicamente (*Ibid.*, p. 13). Assim como Lezama, pensadores contemporâneos (LATOUCHE, 2009; STENGERS, 2015; HARAWAY, 2016; LATOUR, 2017; TSING, 2019) criticam e buscam superar essa dicotomia ao mostrar como a sociedade contemporânea tem sua própria “cegueira” ao negar ou invisibilizar a correlação entre o natural e o social. O autor argumenta que essa ruptura entre sociedade-Natureza é em boa parte herdada dos pensamentos antropocêntricos de Marx, Weber e Durkheim que ocorreram entre 1850 e 1920. Essa exclusão, como mostra, é baseada na “forma histórica de relação sociedade-natureza, caracterizada pela dominação e destruição da natureza” (LEZAMA, 2019, p. 19), e que permanece nos espaços da sociologia atualmente. Lezama reconhece que o modelo neoliberal contemporâneo dificulta a possibilidade de ver, sociológica e moralmente, os problemas implícitos desta relação dualista, e consequentemente há a invisibilização da exploração e devastação do natural/Natureza pelo social/Humanidade com fins capitalistas e manutenção do sistema antropocêntrico.

Ao analisar os pensamentos de Marx, Durkheim e Weber em relação à reflexões filosóficas, como as de Kant e Comte, nota-se um ponto de convergência: “socialismo e capitalismo, marxismo e liberalismo concebem da mesma maneira a natureza, de uma forma utilitária, como meio e medida para a realização humana”, pois “[o]s homens querem conhecer a natureza como uma forma de apropriar-se dela.” (*Ibid.*, p. 26). Aqui, Lezama traz pensadores de várias escolas, como os de Frankfurt (Horkheimer, Adorno, e outros) para corroborar sua análise ontológica e ética-política de dominação da Natureza pela sociedade humana. E argumenta que os pensadores das ciências sociais, a grosso modo, têm dificuldades em “transgredir o marco epistêmico da sociologia ortodoxa dos fundadores [da Sociologia], ou seja, ‘o social pelo social’” (*Ibid.*, p.50). Algumas noções contemporâneas

---

<sup>3</sup> Todas as traduções são livres e de autoria própria. Em relação ao termo original “*natureza*”, mantenho o termo grafado com inicial minúscula, traduzido como “natureza”, ao trazer as citações de Lezama.

<sup>4</sup> É digno de nota que o próprio Lezama também tem sua cegueira analítica, intencional ou não, ao excluir do panteão dos “pais fundadores do pensamento social” (*Ibid.*, p. 12), o também fundador e clássico, embora idiossincrático, Simmel (1858-1918).

abrem possibilidades para que tal ‘transgressão’ seja materializada, como transdisciplinaridade, interseccionalidade, decolonidade, convivialidade e pluriversidade<sup>5</sup>.

O livro não entra no campo da sociologia urbana, porém, sinaliza uma interface entre as relações do meio ambiente natural, artificial e social ao citar Lefebvre como seu representante clássico e Simmel, por sua contribuição nesse campo: “em alguma parte de sua obra, [Simmel] joga também com esta imagem do espacial, com termos territoriais de extensão, noções de proximidade-afastamento, para explicar certas condutas humanas” (*Ibid.*, p. 50).

No capítulo sobre crise ambiental e a emergência por um novo enquadramento da noção de Natureza, Lezama discute questões teóricas atuais, como a inclusão da crise ambiental e as formas de relações do natural com o social pelas ciências das humanidades. A obra passa a analisar como a sociologia, em especial a sociologia ambiental<sup>6</sup>, e parte da antropologia discutem e buscam produzir uma proposta teórica que inclua o natural, uma vez que “não consta nos pensamentos de Marx, Weber e Durkheim a natureza, que padeceram de uma ‘cegueira’ analítica sobre a mesma e que esta cegueira, se reverbera no plano epistemológico e ontológico” (*Ibid.*, p. 88).

No capítulo dedicado a Marx (1818-1883), Lezama reflete sobre o posicionamento analítico do autor sobre a Natureza e como se deu a exclusão desta ao longo das suas publicações, como em *Ideologia alemã*, *Manuscritos*, *Manifesto comunista* e *O capital*, mostrando que o natural é *meio*, e não um *fim em si*. A “história humana propriamente social” dá início quando o ser humano é capaz de reproduzir sua vida material com independência das contingências do mundo natural e os coloca no controle para atingir seu fim, social” (MARX *apud* LEZAMA, 2019, p. 117). Neste capítulo de quase 50 páginas, o maior e mais denso do livro, Lezama dedica uma longa análise sobre a “cegueira analítica” em Marx, argumentando que o movimento de exclusão da Natureza em sua análise foi necessário para produzir o arcabouço de sua teoria sobre o capital, baseada nos aspectos político e econômico. Por outro lado, há uma vertente minoritária, como Lixin Han, que vê um “Marx ecocentrista, que enfatiza a natureza como fonte original da riqueza humana”.

---

<sup>5</sup> Entre exemplos de noções que buscam superar essa dualidade (sociedade-Natureza), cito: *buen vivir* e os direitos da Natureza, que reconhecem esta como sujeito de direitos nas relações sociais (INTERNACIONAL CONVIVIALISTA, 2020). A ‘socialidade mais que humana’ é outro exemplo (TSING, 2019).

<sup>6</sup> Desde 1970, a noção de Natureza é tema de integração nas ciências humanas. Hannigan (1997) é um exemplo emblemático daqueles que representam o esforço de formular uma perspectiva social para os problemas ambientais, como a sociedade de risco de Ulrich Beck ou a modernização ecológica de Annemarie Mol, entre outros.

Porém, as contradições do “Marx antropocentrista” são praticamente intransponíveis, pois “Marx defende a ‘dominação da natureza’” (HAN *apud* LEZAMA, 2019, p.143).

Já no capítulo sobre Weber (1864—1920), Lezama dialoga com autores como Beck, Buttel, Dunlap, Foster, Goldblatt e Holleman, para discutir a “cegueira analítica” weberiana. O autor cita *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, obra de Weber que pontua a ruptura do natural como fator moral e determinante do social, uma vez que “esta ordem econômica moderna, condicionada às técnicas e maquinarias produtivas, determina a vida dos indivíduos” (WEBER *apud* LEZAMA, 2019, p. 196). A dimensão ética em Weber, por outro lado, sinaliza os riscos desta relação entre a sociedade e a tecnologia economicista como modelo do ordenamento moderno à época: “quizá esta ordem determinada a sociedade até a queima da última tonelada de combustível fóssil” (WEBER *apud* LEZAMA, 2019, p. 196).

O livro de Lezama procura ainda evidenciar que os avanços tecnológicos na época de Weber e Durkheim tiveram grande impacto em suas decisões ontológicas. Na virada daquele novo século (1900), tais impactos sobre o social foram não apenas tecnológicos, mas éticos, como no caso da Primeira Guerra Mundial. Por isso, diz o autor, o deslocamento da Natureza da condição de sujeito para objeto foi um marco analítico para Weber.

No capítulo sobre Durkheim (1858-1917), a exclusão da Natureza é categórica, e Lezama bate o último prego em sua análise: é Durkheim quem realiza a ruptura de modo explícito ao afirmar que ‘o social só pode ser explicado pelo social’, tornando-o o mais influente e explícito cisalhador da Natureza por meio de um *método* inédito à época e uma abordagem rigorosamente científica. A questão da Natureza como objeto foi a pedra angular para a fundação da sociologia para Durkheim: “se a sociologia existe, ela tem seu próprio método e leis distintas (...) onde o domínio social escapa do biológico a fim de justificar a sociologia” (DURKHEIM *apud* LEZAMA, 2019, p.171).

A dimensão ética perpassa boa parte da obra de Lezama para explicar a cegueira analítica dos autores clássicos em relação à Natureza. Ao elencar os componentes morais para compreender a dicotomia Natureza/Humanidade, ecoa no que Vandenberghe (2018) pontua sobre a sociologia contemporânea. Essa estaria permeada por esse dilema moral, a herança do pensamento desses clássicos, o paradigma de uma sociologia antropocêntrica. No entanto, no mundo contemporâneo, marcado por crises planetárias, há a necessidade de novas epistemes da Natureza para as transições ontológicas necessárias da era contemporânea (HARAWAY, 2016; LATOUR, 2017; TSING, 2019).

Vale observar a contribuição feita por Natalia Manrique, de forma sucinta, porém densa, sobre a biografia de cada um dos três autores clássicos no início de cada capítulo do livro, fornecendo um recorte histórico importante para auxiliar a compreensão da exclusão do natural como fator determinante para a explicação do social.

Enfim, *La naturaleza ante la triada divina* é relevante tanto por adotar a Natureza como fio condutor, perpassando pelas abordagens teóricas dos três fundadores da sociologia, como pela discussão que faz sobre a dimensão ética da "cegueira analítica", da exclusão e da invisibilização do natural como fator determinante do social.

Atualmente, a sociologia ainda tem fortes raízes ontológicas e epistêmicas nesses três autores clássicos em relação à concepção do social antropocêntrico. Por outro lado, novos fenômenos relacionados à tensão dicotômica Natureza/Humanidade geram desafios para os atuais e futuros cientistas das humanidades como a busca por um melhor entendimento de si, enquanto espécie, e formas alternativas de materializar uma virada ontológica e ética antes do colapso climático que se apresenta na era do Antropoceno.

## Referências

HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental: A formação de uma perspectiva social**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

INTERNACIONAL CONVIVALISTA. **Segundo Manifesto Convivalista: Por um mundo pós-neoliberal**. Rio de Janeiro: Ateliê das Humanidades, 2020.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LATOUR, Bruno. **Facing Gaia: Eight Lectures on the New Climatic Regime**. Cambridge, UK; Medford, USA: Polity Press, 2017.

LEZAMA, José Luís. **La naturaleza ante la triada divina: Marx, Durkheim, Weber**. Ciudad de México: El Colegio de México/Cedua, 2019.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: Resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VANDENBERGHE, Frédéric. "Sociology as Practical Philosophy and Moral Science". **Theory, Culture & Society**, vol. 35, n. 3, pp. 77-97, 2018.

Recebido em: 22/10/2020  
Aprovado em: 11/03/2021